

Os servidores públicos e o momento nacional

Cerca de setenta mil servidores do Estado desfilarão perante o Presidente Getúlio Vargas na tarde de 3 do corrente --- A monumental concentração no estádio do Fluminense Futebol Club --- O discurso do Ministro Marcondes Filho

“O que vos peço e estou certo que cumprireis, é pouco e é o bastante: Disciplina, Aplicação, Discreção, União” — exclama, falando aos servidores o Presidente Getúlio Vargas

Convocados para uma concentração no campo do Fluminense Futebol Clube, de onde sairiam para desfilar perante o Chefe da Nação, os servidores do Estado, confundidos chefes e subordinados na mesma expressão patriótica, acorreram entusiasticamente àquela praça de esportes, na tarde de 3 do corrente, em número não inferior a setenta mil e realizaram uma soberba demonstração de unidade, disciplina e patriotismo em face do momento excepcionalmente grave que o país atravessa.

Tomaram parte na monumental parada, inédita na nossa vida administrativa, os funcionários públicos federais, municipais e os servidores das entidades autárquicas, tendo sido a mesma orientada por uma comissão composta dos Drs. Paulo Lira, Jorge Dodsworth e João Carlos Vital que havia lançado, dias antes, a seguinte convocação:

AOS SERVIDORES PÚBLICOS

A 1 de setembro começa a “Semana da Pátria”.

E' ocioso encarecer-lhe o significado, especialmente nesta hora de supremas decisões.

A Pátria é síntese emotiva. Nela se resumem todos os nossos anseios e comoções. Por isso mesmo é unificação de vontades, mais necessária que nunca.

Vive em nós sua mística, porque é símbolo e conselho, apelo e esperança. Todos os sacrifícios merece, porque sabe conceder-nos todas as fidelidades.

E' o solo e o povo, o governo e o Estado, o cidadão e o homem.

Patriotismo é amor, civismo é respeito. Um prende o homem à Pátria pelo coração, outro pelo dever.

Assim, amar, honrar e servir a Pátria é dever primordial do homem e do cidadão. E' obrigação tanto mais imperiosa, quanto o Brasil, herdeiro de longo passado glorioso, defronta presente atormentado. Nesta hora crítica, o patriotismo sadio é conduta suprema.

E', porem, nos momentos de vicissitude e acalunhamento, que a Pátria mais precisa dos homens de fé, coragem e vontade.

Ao lado da disciplina, a coragem é virtude máxima. O dever a inspira. Nela repousam a duração, a segurança e a dignidade da Pátria.

Mais do que em qualquer outra, à hora de perigo, cumpre amar a Pátria ardentemente, a ponto de tudo lhe sacrificar. E, mais ainda, haurir nesse amor a força, a coragem, a confiança, todas as virtudes cívico-patrióticas de engrandecimento nacional.

Merece-nos, pois, todas as homenagens. Mas, se deseja todas, não menos prezar a de seus servidores, viva expressão da autoridade com que se afirma e da ordem, com que se impõe.

Em suas demonstrações de fidelidade e amor, encontra o fortalecimento do seu prestígio, como na fraternidade de todos os filhos, a maior segurança do seu poder.

As forças multiplicam-se no sofrimento e os países moços tem energias inesgotáveis.

O Brasil, atingido o ponto crítico de elaboração progressista que nada mais pode deter, tem a certeza da sua vitória no esforço infatigável dos seus servidores.

Fez, com eles, sua grandeza e, com eles, sabe enfrentar, com serenidade e confiança, as dificuldades mais rudes que lhe surjam.

Fiel a compromissos, jamais conheceu hesitações. Sua política é firme, como sua resolução; sua persistência, tenaz, como sua vontade.

Nada mais justo que a semana festiva de setembro encontre na manifestação dos servidores públicos outra nota predominante do seu fulgor.

Todos saberemos honrar nossas tradições de lealdade e amor à Pátria, hoje tão desejosa de ver-nos reunido em torno do Supremo Chefe do Governo Nacional.

Confiantes, assim, nas gloriosas forças do Exército, Marinha e Aeronáutica, e a elas irmanados, levaremos o Brasil ao grandioso futuro que lhe aponte sua tradição no concerto dos povos e lhe garanta sua história no destino do mundo.

E' preciso, portanto, para que as comemorações cívicas se revistam do merecido esplendor e demonstrem a perfeita compreensão que temos nós, servidores do Estado, dos deveres de cidadãos e brasileiros, que todos, indistintamente, tendo à frente nossos chefes imediatos e superiores, participemos, direta e pessoalmente, de todas as festividades que se realizarem naqueles sete dias.

E, a 3 de setembro, dia da "Semana da Pátria," destinado às comemorações e festejos especialmente dos servidores públicos da União, Prefeitura do Distrito Federal e entidades autárquicas e paraestatais, ficamos todos convocados para a concentração que se realizará às 15 horas daquela data, no estádio do Fluminense Futebol Clube, de onde, terminada a solenidade, todos desfilarremos até o Palácio Guanabara, em homenagem ao Presidente Getulio Vargas, Chefe do Governo Nacional e patrono da classe.

A Comissão Executiva:

Paulo Lira.

Jorge Dodsworth.

João Carlos Vital.

A CONCENTRAÇÃO

O estádio do Fluminense Futebol Clube, apesar de suas enormes proporções, foi insuficiente

para comportar a grande massa humana que desde às 13 horas, ao ser suspenso o expediente nas repartições, para ali começou a se movimentar.

Milhares de servidores públicos permaneceram de fora, nas ruas que dão acesso àquele logradouro, impossibilitados de penetrarem no seu recinto.

Às 15 horas precisamente o Sr. João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, anunciou entre aplausos, pelo microfone instalado na tribuna de honra, que o ministro Marcondes Filho ia pronunciar o seu anunciado discurso.

O ilustre titular das pastas do Trabalho e da Justiça, frequentemente interrompido por entusiásticos aplausos, pronunciou, então, a seguinte oração:

— "Encontram-se neste imenso anfiteatro os representantes de todos os planos de atividade administrativa. E' a grande família dos servidores do Estado, que se reúne pela primeira vez, sob os auspícios da "Semana da Pátria", para uma demonstração de fé nos destinos do Brasil e uma reafirmação de obediência ao chefe supremo, na hora grave da nacionalidade.

Nunca será demais louvar o funcionalismo público, cujo intenso trabalho quotidiano, prestado na agitação ou na tranquilidade das repartições, representa o Estado em movimento, a marcha dos negócios públicos, o alicerce da vida nacional. São inteligências e dedicações, energias e vontades que se enobrecem com o voto perpétuo da modestia, porque os predicados pessoais, as iniciativas, as idéias criadoras provindas da inteligência de cada servidor se diluem e se dissolvem na imensidade do trabalho comum. Ninguém busca para si próprio. Procura-se o bem geral e a crescente perfeição do sistema administrativo.

São vidas inteiras exclusivamente votadas aos interesses coletivos. Da juventude à velhice, curvado sobre a mesa de trabalho, embora galgue os degraus da carreira, o funcionário não consegue enriquecer, porque nunca cuidou de si, mas dos outros. Junta-se, assim, ao voto da modéstia, a dignificação do voto da pobreza. A própria estabilidade que o Estado lhe assegura não constitui, apenas, o reconhecimento de um direito, mas também um apelo ao devotamento perene para o bem comum, porque a estabilidade é o laço indissolúvel que junte o servidor aos serviços.

Há, por tudo isto, na vida dos servidores do Estado, um fundo heróico que muita gente ignora, de heroísmo que não se mostra, que não se ufana, que não tange os carrilhões da glória, mas do qual resulta a continuidade da vida nacional.

NOSSO PRÓPRIO DESTINO

E, no traçado desse destino, dessa vocação para a obscuridade voluntária, não poderemos distinguir nem classes nem funções. Um diretor que põe a chancela da sua responsabilidade nos expedientes em trânsito; o modesto parecer de um es- criturário no bojo de um processo; o carteiro que presta informações a um interessado — todos eles são partículas do Estado, de igual valia nos respectivos setores, porque o Estado não poderia dispensar a presença de nenhum deles nos quadros de seu sistema.

Digo, pois, uma grande verdade quando afirmo que é a família dos servidores do Estado que aqui se reúne para uma demonstração de fé nos

destinos do Brasil e uma reafirmação de obediência ao nosso Chefe supremo.

Nos tempos que correm, falar nos destinos do Brasil é falar do nosso próprio destino. Há de ser uma declaração de fé em nós mesmos, um voto de confiança em nossas próprias energias. E' a soma dos esforços individuais que vai esculpir na página do século a triunfal efigie do Brasil nos dias sinistros que a humanidade atravessa.

Foi para essa profunda declaração de deveres, para pactuar obrigações superlativas, que a Semana da Pátria nos convocou, esta Semana da Pátria, que ora foge às regras do calendário, porque só terminará a contínua e intensa exaltação do Brasil em nossos pensamentos quando a paz descer sobre a nação, trazida nos carros de nosso triunfo, que é a vitória dos princípios imortais do direito e da honra dos povos.

Ainda há poucos dias, falando aos funcionários do Ministério do Trabalho, eu assinalava que há mundos de energia, de virtude e de atividade concentrados na criatura humana. Tudo



Aspecto parcial da concentração dos servidores públicos no estádio do Fluminense Futebol Clube



O Sr. Presidente da República pronunciando o seu discurso aos servidores públicos

está em os tirarmos, pela teimosia da vontade, do berço individual em que dormitam, para realizar, no plano funcional, o maior rendimento, a mais completa eficiência, a perfeição dos serviços que nos incumbem. Precisamos formar — eu declarava — a mentalidade de guerra, que é uma mentalidade de trabalho silencioso e constante, de reflexão e de serenidade, de clarividência, de argúcia, de atenção incansável, em que o nome do Brasil estará como hóstia na comunhão de todos os instantes.

NENHUM RECEIO DA FORÇA BRUTA

Nunca procuramos a guerra. Cultuamos por princípio o respeito internacional e resolvemos, sempre, as dúvidas continentais pela glória tranquila dos tratados. Não procuramos a guerra, mas o Brasil nunca fugiu à luta, qualquer que ela seja, quando o exigem a dignidade da nossa bandeira e a defesa da nossa sabedoria. Temos um passado de honra imaculada e esse patrimônio moral que recebemos dos ancestrais, imaculado há de ser transferido às gerações porvindouras.

Não nos arreceiamos da força bruta. Somos um povo varonil, capaz de todos os sacrifícios necessários para resistir e vencer: porque as vitórias finais, que são as vitórias definitivas, estiveram sempre do lado da justiça e da liberdade, que é o nosso lado, nesta conflagração do mundo.

Este primeiro e grande encontro dos servidores do Estado, onde se aglomeram representantes de todas as atividades, assume, assim, as proporções de um grande tratado que aqui estamos firmando pela nossa palavra, para fazer da vida administrativa do Brasil uma obra prima de esforço, afim de apressar o dia da vitória e da paz.

Depois dos votos de pobreza e de modestia, lembremos e renovemos, neste instante o terceiro, o maior, o mais fundamental, o mais belo e o mais difícil dos votos que enobrecem a vida funcional: o voto da obediência ao chefe de Estado.

Se cada povo tem o governo que merece, o Brasil é um grande povo, porque a Providência lhe outorgou, na hora mais grave de sua vida, o estadista insigne, o chefe incomparável, o funcionário supremo capaz de levar a nação aos seus ex-

celsos destinos. Estadista que nasceu sob o signo do êxito, do sucesso, do triunfo, porque inscreve no seu próprio nome a inicial da Vitória, letra fulgurante que a multidão vem levantando nos braços durante as manifestações populares, pelo triunfo a que temos direito e para o qual unidos marchamos.

E' na capacidade conciente de obediência que se sublimam as virtudes da cidadania, porque é aí que a nação se unifica, juntando, numa só força irresistível, miríades de vontades humanas. Se o chefe é digno do momento, sejamos dignos do chefe. Obedecer, então, é nobreza, é condecoração e é glória. Façamos do imenso capital da sua experiência, da sua clarividência, da sua sabedoria, do seu patriotismo, da segurança dos seus desígnios, do seu profundo senso de posteridade nacional, o esplendor da nossa obediência. Só assim forjaremos a imortalidade do Brasil".

Terminado o discurso do Dr. Marcondes Fliho e tomadas pela Comissão Executiva as providências necessárias para a distribuição dos fun-

cionários pelos respectivos ministérios, iniciou-se o desfile. À sua frente vinham o prefeito Henrique Dodsworth acompanhado de seu secretariado e, liderando o cortejo dos funcionários, como porta-bandeira, o Sr. Luis Simões Lopes, ladeado pelos Srs. Moacyr Briggs e Paulo Lira. Seguiam-n'o os servidores dos órgãos diretamente subordinados à Presidência da República, os dos Ministérios da Justiça, Educação, Exterior, Agricultura, Trabalho, Fazenda, Guerra, Marinha, Viação e Aeronáutica. Os diretores e chefes de serviço encabeçavam o desfile dos respectivos auxiliares. Vinham, em continuação, os servidores das entidades autárquicas. Da sacada do Palácio do Catete, acompanhado de todo o Ministério o Presidente Getulio Vargas assistiu ao desfile recebendo, a cada instante, repetidas homenagens. Os manifestantes detinham-se por alguns momentos em frente a S.Ex. a quem erguiam vivas. A custo o desfile prosseguia e se escoava pelas ruas do Catete e Silveira Martins. Das 16 às 19 horas, a massa humana passou sem cessar. Todos os que servem ao Estado, em qual-



Os servidores públicos ouvindo, em frente ao Palácio do Catete, a palavra do Chefe da Nação

quer modalidade de trabalho e em qualquer posto, altos funcionários, professores, diplomatas, técnicos, carteiros, trabalhadores do saneamento, banhistas do Serviço do Salvamento, servidores da Limpeza Pública, sem distinção de nenhuma sorte, irmanados nos mesmos sentimentos, confundiam-se na homenagem ao guia da nacionalidade. Já noite, terminado o desfile, o locutor do D.I.P. anunciou,

através dos alto-falantes, que o Chefe do Governo ia usar da palavra. Um verdadeiro delírio apossou-se da multidão.

Cessadas as aclamações o Presidente Getúlio Vargas iniciou o seu discurso, que foi irradiado para todo o país, e entrecortado repetidamente de calorosos aplausos.

Assim falou S.Ex.:

“SERVIDORES PÚBLICOS DO BRASIL.

Ontem disse aos trabalhadores brasileiros o que lhes cumpria fazer nesta hora grave da Nacionalidade.

A adesão e o entusiasmo das classes trabalhistas deram-me a segurança de que nada há de faltar ao país para resolver satisfatoriamente os problemas da produção numa economia de guerra.

Agora cumpre-me dizer-vos o que espero de vós, que sois as peças propulsoras da máquina administrativa.

É preciso não esquecer que chegou a hora dos sacrifícios, das renúncias, do serviço sem horário, dos esforços sem conta.

Não quisemos a guerra. Ela nos foi imposta de maneira brutal, com perdas de vida de civis e militares. Ela nos foi declarada tacitamente com um massacre premeditado a algumas milhas da costa brasileira. Não quisemos a guerra, mas os que nô-la impuseram verão que não ficará impune a injúria à nossa soberania.

Se tivermos de entrar em operações bélicas conto que cada homem, cada mulher, cada funcionário de qualquer categoria, saberá proceder de acordo com as circunstâncias, tornando-se um combatente no seu setor, multiplicando esforços, auxiliando por todos os meios e modos os soldados incumbidos da defesa armada do Brasil.

É necessário não vacilar, não temer, manter permanente vigilância contra todas as formas de derrotismo e de fraqueza. O que outros povos teem podido fazer, criando e forjando as suas armas sob o fogo mortífero dos combates, destruindo tudo que aproveite ao inimigo, sobrepondo-se a todas as contingências, também os brasileiros saberão fazer e o farão se houver necessidade. Ao contrário, enquanto não se verificar tal emergência, é preciso poupar, amealhar, economizar o que vos pertence e o que é do Estado, para que possa servir mais e melhor quando for oportuno.

O que vos peço, e estou certo que cumprireis, é pouco e é o bastante: — DISCIPLINA, para que as tarefas sejam executadas sem perturbação; APLICACÃO, para que o rendimento do vosso trabalho seja o máximo sobrando-vos tempo para as obrigações auxiliares da defesa passiva, dos serviços de enfermagem, de cooperação espontânea no cuidado de velhos, crianças, enfermos e feridos; DISCREÇÃO, com o objetivo de evitar que se conheçam as vossas atividades e o inimigo possa aproveitar desse conhecimento, pois para os serviços de informação de guerra todos os dados podem ser preciosos; UNIÃO, para reafirmar em todas as circunstâncias a vontade, a decisão de vencer.

Agradeço a vossa manifestação de solidariedade e concito-vos a tudo empenhar — vida, bens, tranquilidade, trabalho e futuro — na defesa da Pátria.”